



## **MASCULINIDADES: UMA ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA INTERACIONISTA-DISCURSIVA**

Cláudia Aparecida Avelar Ferreira<sup>1</sup>, Fabiana de Fátima Matos Queiroz- Ribeiro<sup>2</sup>

### **RESUMO**

O objetivo deste artigo foi analisar o interdiscurso do gênero charge para desenvolver o *corpus* do que é ser homem na construção de sentidos pelos leitores. Para tanto se buscou evidenciar o sentido de gênero e masculinidades como construções sociais. A metodologia aplicada para a análise do discurso é a referenciação sob a perspectiva interacionista-discursiva. O resultado mostra que cada discurso quer dizer de sua própria verdade, não se referindo então a uma verdade universal, ou seja, o mesmo discurso pode ser percebido agregador de diferentes entendimentos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise do discurso. Masculinidades. Charge.

## **MASCULINITY: AN ANALYSIS FROM THE INTERACTIONIST-DISCURSIVE PERSPECTIVE**

### **ABSTRACT**

This article aims to analyze the the interdiscourse of the gender charge to develop the corpus of what it is to be a man in the construction of senses by readers. To this end, we sought to highlight the meaning of gender and masculinity as social constructions. The methodology applied for discourse analysis is referring from the interactionist-discursive perspective. The result shows that each discourse means of its own truth, not referring then to a universal truth, that is, the same discourse can be perceived aggregator of different understandings.

**KEYWORDS:** Discourse analysis. Masculinity. Charge.

### **1 INTRODUÇÃO**

---

<sup>1</sup> Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Administração, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

<sup>2</sup> Mestranda no Programa de Pós-graduação em Administração, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

O estudo apresenta uma reflexão contributiva aos estudos dos processos da referenciação, sob a perspectiva interacionista-discursiva, considerando-se as dimensões pragmáticas, textuais e linguísticas de produção de sentidos.

A mídia desde a década de 1990 tem divulgado novos comportamentos masculinos, como homens cuidando dos filhos, organizando a casa e lavando roupas, atitudes estas decorrentes de uma autorização de comportamento que tem sido valorizada e reconhecida como um papel social mais agregador para o homem (NOLASCO, 1993). Esta mudança de atitude acordada na sociedade, com os homens compartilhando as tarefas domésticas, se inicia na socialização das crianças por meio da prática dos pais (NOLASCO, 1993; GROSSI, 1995; 2004), moldando, por exemplo, o homem contemporâneo. O homem contemporâneo difere no modelo tradicional de masculinidade principalmente na perspectiva paterna, na aproximação e no cuidado com os filhos (JABLONSKI, 2010) e na divisão das tarefas no lar (TEYKAL; ROCHA-COUTINHO, 2007; SANTOS; DINIZ, 2011).

No entanto, as novas atitudes digladiam-se a masculinidade tradicional, fomentando a indagar: o que é ser masculino na visão dos homens na atualidade?

Os debates sobre o masculino ampliam o espaço para novas formas de masculinidade tanto na área do trabalho quanto no lar, e apontam comportamentos mais equitativos entre homens e mulheres (ADDIS; MANSFIELD; AYZDEK, 2010). Como pontos positivos do debate sobre os modelos de masculinidade percebe-se novas formas de ser masculino, como maior aceitação para o pai demonstrar afeto e proximidade com os filhos, abertura social para o homem se preocupar com a saúde e o bem-estar, bem como espaço para os homens exercerem profissões que antes eram vistas apenas como femininas (ARAÚJO, 2005), além da busca por maior igualdade de gênero (ADDIS *et al.*, 2010).

O significado da masculinidade não é consensual na contemporaneidade, pois as masculinidades são diversas e correspondentes a cada tempo histórico vivido (CONNELL; MESSERCHMIDT, 2005; ECCEL; GRISCI, 2011).

O objetivo do artigo foi analisar o interdiscurso do gênero charge para desenvolver o *corpus* do que é ser homem na construção de sentidos pelos leitores. Como estratégia metodológica foi utilizada a abordagem qualitativa, de natureza descritiva. Entende-se gênero como construção de sentidos socioculturais

produzidos para a explicação sobre as diferenças sexuais, tais sentidos mostram que tais relações de poder são assimétricas e desiguais (SCOTT, 1994).

## **2 A QUESTÃO DA MASCULINIDADE E SUA FLUIDEZ**

A masculinidade não é um atributo oriundo da genética, mas, uma ideologia que tem por objetivo legitimar a dominação masculina (BADINTER, 1993). Tal dominação ocorre com o capitalismo e a transição para uma era industrial, entre os séculos XVII e XVIII, período que se fundamentou o dualismo normativo com uma classificação entre a mente e o corpo, a qual “concebe a racionalidade como capacidade mental separada do corpo” (CALÁS; SMIRCICH, 1999, p. 277). Esse entendimento foi crucial na diferenciação de acesso a oportunidades de desenvolvimento, como a educação e empregos para os homens, no entanto, estas foram negadas as mulheres (CALÁS; SMIRCICH, 1999; ROCHA-COUTINHO, 1994; SANTOS; DINIZ, 2011). Essas diferenças no acesso as oportunidades de desenvolvimento privilegiaram o homem, tendo ele dominado a esfera pública enquanto a mulher cabia apenas o espaço privado (CALÁS; SMIRCICH, 1999; ROCHA-COUTINHO, 1994; NUNES, 2011).

Para Connell (1995, p. 188) o conceito de masculinidade é “uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero”, e salienta que, normalmente, existem “mais de uma configuração desse tipo em qualquer ordem de gênero de uma sociedade”, por isso, não se deve falar em masculinidade e sim em masculinidades. Connell (2003) apresenta a concepção que “masculinidades são configurações de práticas que são realizadas na ação social e, dessa forma, podem se diferenciar de acordo com as relações de gênero em um cenário social particular” (CONNELL, 2013, p. 250). Essa concepção foi criticada tanto por pesquisadores realistas, por considerar uma perda de tempo em buscar entender e contradizer o poder dos homens, quanto pelos pós-estruturalistas que ressaltam a valorização do caráter dos homens ou acaba impondo uma unidade falsa a uma realidade fluída e contraditória (CONNELL, 2013).

Para Badinter (1993), a crise do masculino é decorrente do medo da passividade e da feminilidade que são as subjetividades reprimidas dos homens, e corrobora Grossi (2004) que a crise não passa de um desconforto do homem frente

às conquistas atuais das mulheres ou perdas dos homens. Esta quebra da masculinidade universal é oriunda da ruptura ocorrida a partir de 1990 com os estudos de diversos grupos e movimentos sociais, como grupos das feministas (SARTI, 2004; SILVA; SANTOS, 2016), movimento gay (MONTEIRO, 2000), a contracultura (CARDOSO, 2005; WANG, JABLONSKI; MAGALHÃES, 2006; MOREIRA; SANTOS, 2014; OLIVEIRA, 2015) e alguns grupos de homens que não se identificavam com o modelo de masculinidade tradicional como os militantes dos direitos humanos, os ecologistas e os pacifistas, que contestavam a masculinidade e os papéis sociais determinados a serem executados por homens e mulheres (BADINTER, 1993).

Para Connell (1995), o papel masculino apresenta pontos de fragilidade seja no campo científico ou prático, pois não propicia compreender as relações de poder, de violência ou desigualdade material; além de não permitir a percepção das complexidades no interior da masculinidade ou das múltiplas masculinidades, e que o modelo de masculinidades e feminilidades pode ser reduzido a uma simples apropriação de forma passiva das normas e expectativas, e não um lugar com contradições e rupturas relacionadas à socialização de gênero. Na prática, as pessoas são vistas fazendo algo real que na verdade não corresponde o esperado ou imaginado, no entanto, o gênero era pensado como um tipo de reprodução e não como produção social (CONNELL, 1995).

Conforme Connell e Pearse (2015), gênero pode ser entendido como prática social que remete a diferença de tratamentos para indivíduos distintos. De acordo com Eccel e Grisci (2011, p. 59) o conceito de gênero pode ser entendido como “construções culturais de papéis adequados para homens e mulheres”.

Para Souza (2014), a crise da masculinidade não passa de um discurso, não significando que o posicionamento do masculino como gênero hegemônico está em tensão na conjuntura e nem uma perda de poder do masculino, e que nenhuma pessoa tem condições de representar o modelo hegemônico totalmente, pois todo mundo apresenta na práxis diária tanto estereótipos femininos e masculinos, independente do sexo. Portanto, a masculinidade pode ser exercida tanto por homens quanto por mulheres, não sendo, portanto, a anatomia do órgão sexual que define a masculinidade (JERUSALINSKY, 2005; SOUZA; MORAES; DUARTE; HIGASHI, 2012) e sim como foi o processo de socialização da criança (NOLASCO,

1993; GROSSI, 2004; CONNELL, 2013).

A masculinidade pode ser hegemônica e não hegemônica (compostas por masculinidades subalternas e marginalizadas), como também pelos companheiros, que estão fora da hegemonia, mas que dão apoio a seus valores (FIALHO, 2006). Segundo Medrado e Lyra (2008), não há somente uma masculinidade e não existem formas binárias dividindo em hegemônica e subordinadas, pois estas divisões são decorrentes da posição de poder social dos homens tradicionais ou plurais. Connell (2013) ressalta que os estudos sobre masculinidades envolvem relações de poder e de diferenciação e que as ditas masculinidades hegemônicas produzem e afetam os estilos de vida.

Segundo Fialho (2006), o termo hegemônico é oriundo de Gramsci que exprime uma luta pela posição de poder da qual corrobora Jewkes *et al.* (2015). No entanto, há diversas formas de masculinidades que podem manifestar o desejo de alcançar a hegemonia ou simplesmente buscar o reconhecimento como forma legítima e viável de viver a masculinidade. As masculinidades plurais podem ser intergêneros ou intragêneros. As relações intergêneros ocorrem entre homens e mulheres e intragêneros somente entre os homens. No caso do Brasil, a sociedade é constituída por diversas formas de masculinidades como: gays, homossexuais, bissexuais, barbies, cybermanos, metrossexuais, negros, pobres etc. A masculinidade hegemônica é caracterizada pelo modelo de homens brancos, heterossexuais, de classe média dentre outros atributos (FIALHO, 2006).

A masculinidade hegemônica, segundo Connell e Messerschmidt (2013), é, exatamente, conjunto de “práticas padronizadas” adotadas para se consolidar um entendimento de masculinidade, logo, práticas constantes no comportamento, o que permitiu ao homem a dominação na sociedade perante o diferente, no caso, a mulher. Contribui Eccel e Grisci (2011) que o entendimento de masculinidade não pode ser entendido como único, devido a existência de várias facetas do masculino, entretanto, a masculinidade hegemônica é aquela que se sobressai sobre as outras, ou seja, a que tem maior legitimação.

O modelo hegemônico apesar de propiciar vantagens sociais como dominação sob os mais fracos incide em grande parte em pontos negativos para os homens, como a construção da masculinidade baseada em negações de sentimentos e expressões (WANG *et al.*, 2006), negação em ter uma aparência

física ou comportamental que se assemelhe a um indivíduo com atitudes mais femininas (WELZER-LANG, 2001; BERALDO; TRINDADE, 2016), distanciamento de atitudes femininas como demonstração de afeto (MONTEIRO; MARKO, 2013), e também falta de aceitação de seus estados emocionais (BIRCH; BALDRY; HARTLEY, 2017; GRAEF; TOKAR; KAUT, 2010).

Um dos pontos relevantes na crise da masculinidade é a possibilidade dos homens que não se identificam com a masculinidade tradicional, buscarem novos modelos masculinos que se adequem a seus valores, seu tempo histórico e seu contexto vivido (ARAÚJO, 2005). O homem brasileiro contemporâneo vem buscando assumir sua própria identidade independente dos estereótipos sociais tradicionais, o que configura em um novo homem (NOLASCO, 1993). A busca pelo novo homem inicia com os movimentos: liberação dos homens, na década de 1970; movimento ativista antissexista entre homens heterossexuais que não continuou na década de 1980 (NOLASCO, 1993; CONNELL, 1995); tentativa de saída das estruturas patriarcais atuais (antissexista), por meio da mudança das formas de masculinidades existentes; interface com a política Gay, mas com alguns pontos diferentes; revolução de gênero, visando igualdade entre as mulheres no trabalho, no lar, com as crianças e na igreja.

As masculinidades podem ser então fluidas, que dependem do contexto vivido. Por isso, o mesmo indivíduo pode demonstrar diversas versões da masculinidade dependendo do contexto no qual está inserido (QUAYLE; LINDEGGER; BRITTAIN; NABEE; COLE, 2018). Batnitzky *et al.* (2009) sinalizam que as masculinidades podem ser construídas de acordo com cada contexto, e demonstram que o principal valor atribuído a masculinidade ainda prevalece, sendo ele o sustento da família. Logo, a construção da masculinidade perpassa o tempo histórico vivido e o contexto ao qual o homem está inserido.

### **3 PERCURSO METODOLÓGICO**

A estratégia metodológica utilizada adota técnicas qualitativas, que são definidas por dados de natureza interpretativa e semântica (GONÇALVES; MEIRELLES, 2004). Para os fins, a pesquisa descritiva busca evidenciar as características, propriedades ou fatos de determinada população ou fenômenos,

estabelecendo relações entre variáveis ou analisar os fatos (YIN, 1981; GIL, 2008).

Para a análise do interdiscurso do gênero charge foi aplicada a análise do discurso a partir da referenciação sob a perspectiva interacionista-discursiva (LOPES, 2004, 2017). Para escolha da charge foi realizada uma pesquisa que representasse o antigo e novo homem em termos de masculinidades em alguns *sites partindo do Google: rizoma.milharal.org, topimagens.com.br, nexojornal.com.br*. O *corpus* foi constituído a partir de um elemento de busca como o tema “masculinidades” através do interdiscurso do gênero charge para construção de sentidos.

A masculinidade será analisada pelo discurso que perpassa a charge. O discurso contém as palavras. Toda palavra apresenta duas faces, sendo determinada tanto pelo fato de que procede de alguém como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela estabelece o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006). “A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p.117).

Como todo posicionamento ideológico, reflete e refrata a realidade que se encontra fora dos limites natural e social, portanto, tudo o que é ideológico possui uma significação; ele representa e substitui algo encontrado fora dele, logo, ele é um signo; onde há signo, há ideologia (VOLÓCHINOV, 2017).

Cada língua tem, portanto, sua semântica própria e é por meio dela que os mundos são representados e construídos concretamente. Na semântica particular percebe a diversidade das semantizações dos mundos representados que se origina uma parte importante das variações entre as culturas humanas (BRONCKART, 1999). A linguagem reporta a realidade, de forma que o locutor representa a realidade, a sua experiência do acontecimento através do discurso e o destinatário recria essa realidade (BENEVENISTE, 1991).

O gênero charge é um tipo de discurso cultural como forma de fazer uma crítica humorística, propiciando o hilário através do exagero. A charge “é um exemplo de linguagem iconográfica, ela vem acompanhada de textos ou palavras, uma vez que o elemento linguístico se torna importante para explicitar a sua intencionalidade ou completar o sentido humorístico e político” (MACEDO; SOUZA,

2011, p. 5).

A charge é um tipo de texto atraente aos olhos do leitor; pois, a imagem é de rápida leitura, transmitindo múltiplas informações de uma só vez [...], o leitor do texto chárstico tem que estar bem informado acerca do tema abordado para que possa compreender e captar seu teor crítico. É uma modalidade de linguagem iconográfica e que se caracteriza essencialmente por sua natureza dissertativa e ideológica [...] e apresenta elementos concretos para análise do seu respectivo tempo histórico. (MACEDO; SOUZA, 2011, p. 4).

O gênero representa tipos de discursos em situações comunicacionais, seja espontânea no caso de gênero primário (réplica de diálogo, narrativas de costumes, documentos, dentre outros) e gênero secundário, cujo discurso acontece por meio de comunicação cultural, com maior complexidade e mais avançada principalmente na escrita artística, científica e sociopolítica, constituindo em suma toda materialidade e forma de discurso (BAKHTIN, 2000; SILVA, 2012).

Os dados foram coletados a partir de uma busca exploratória na internet através do site *Google* no ícone imagem e todas, utilizando o termo masculinidade(s). As imagens e as narrativas foram analisadas dentro do propósito do estudo que é mostrar o que significa ser homem, sem o objetivo de fazer qualquer crítica, mas apresentar a essência de um discurso para todas as gerações. Foram eliminadas charges de sátiras, deboche, ridicularização de pessoa pública ou relacionado às questões partidárias e aos políticos, bem como as charges que não estavam disponibilizadas no formato free e foram selecionadas duas charges.

#### **4 RESULTADO E ANÁLISES**

Considerando que os discursos são atividades de enunciação em condições históricas e sociais, que torna a interação possível para além da utilização de elementos extra verbais de uma situação, ideologicamente construídas, decorrente da posição social, histórica e cultural de cada ser humano em seu contexto/realidade concreta (VOLÓCHINOV, 2017). A charge (Figura1) demonstra uma dicotomia de valores identificada pelos dois sujeitos, decorrente do contexto sócio histórico vivido pelo pai e pelo filho. O tema do enunciado é definido não apenas pelas formas linguísticas que o constituem – palavras, formas morfológicas e sintáticas, sons e

entonação, mas também pelos aspectos extra verbais da situação, como a visão do mar. O tema do enunciado é tão concreto quanto o momento histórico ao qual ele pertence (VOLÓCHINOV, 2017).

Figura 1- O que é ser homem



Fonte: <http://www.topimagens.com.br/img/imagens35/ser-homem-1863OV9o97zymK.jpg>.

A charge (Figura 2) retrata ao leitor mudanças atuais nos papéis sociais dos homens e conseqüentemente das mulheres, destacando uma “mudança ideológica na atuação do homem no lar ao representar a nova participação do homem contemporâneo, ou seja, apresenta elementos concretos para análise do seu respectivo tempo histórico” (MACEDO; SOUZA, 2011, p. 4).

Figura 2- Papel social na tarefa doméstica



Fonte: <https://rizoma.milharal.org/tag/masculinidade/>

Segundo Ducrot (1984, p. 419),

desde que haja um ato de fala, um dizer, há uma orientação necessária para aquilo que não é o dizer. E esta orientação que podemos chamar “referência”, chamando “referente” ao mundo ou objeto que ela pretende descrever ou transformar. O referente de um discurso não é assim, como por vezes se diz, a realidade, mas sim a sua realidade, isto é, o que o discurso escolhe ou institui como realidade.

Quer se trate de objetos sociais ou de objetos “naturais”, observa-se que o que é habitualmente considerado como um ponto estável de referência para as categorias pode ser “descategorizado”, tornado instável, evoluir sob o efeito de uma mudança de contexto ou de ponto de vista (MONDADA, DUBOIS, 2003, p. 27).

Esse diálogo reflete, por meio das escolhas lexicais, do repertório vocabular, coerência, enquadramento de tópico, conhecimentos partilhados, interação, efeitos de sentido e atividades cognitivas (MONDADA; DUBOIS, 2003). Já a variação e a concorrência categorial emergem notadamente quando uma cena é vista de diferentes perspectivas, que implicam diferentes categorizações da situação, dos atores e dos fatos (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 25). Neste contexto, a construção de referência que pode ser descategorizada é o significado de ser homem. Assim, “as categorias não são nem evidentes nem dadas de uma vez por todas. Elas são mais o resultado de reificações práticas e históricas de processos complexos, compreendendo discussões, controvérsias, desacordos” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 28).

As categorias como resultado de reificações práticas, ou seja, pertencentes ao dia a dia, nesta ilustração referem-se à controvérsia “significa tomar decisões, cuidar do dinheiro. Mandar na casa!!!”. A análise está relacionada à construção da referenciação do garoto, ligando diferentes denominações aproximadas à resposta do pai quando diz: “Um dia quero ser homem igual à mamãe!!!”.

A referenciação adequada pode ser vista como um processo de construção de um caminho, conectando diferentes denominações aproximadas que não são excluídas pela última escolha. Uma consequência disso é que várias tentativas de nomeação podem ser retidas como adequadas e a correção do erro, sendo utilizada como um recurso interacional para invocar formulações alternativas (JEFFERSON, 1974, p.181 *apud* MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 30).

O tempo verbal do diálogo é o presente do indicativo, o que remete a Teoria

dos Papeis Temáticos dos verbos podendo conotar uma anáfora indireta, aportadas em condições cognitivas, pragmáticas (MARCUSCHI, 2005).

O posicionamento do garoto naquele dado instante remete a valorização da mulher, no caso sua mãe, pode atuar ativamente tanto na esfera privada e pública ou ambas sem deixar de ser mulher com todos os seus atributos femininos que não é valorizado pelo mercado de trabalho brasileiro, nos cargos mais altos da hierarquia, portanto, o garoto denota um novo homem (NOLASCO, 1993; CONNELL, 1995; GROSSI, 2004).

A relação social de gênero ou divisão sexual do trabalho em alguns contextos socio histórico culturais percebe-se a desestruturação das relações de poder na esfera privada a partir do século XXI quando a mulher passou a ter uma identidade bem definida, sendo liberadas e com comportamentos livres de convenções sociais, têm independência financeira, consomem e ditam as leis de mercado inclusive nas relações com o sexo oposto. Elas têm seus próprios salários, se sustentam e não dependem do seu companheiro como meio de sobrevivência. No entanto, os homens pouco mudaram, eles querem uma mulher que possa cuidar do lar, dos filhos e deles (VIEIRA,2005), remetendo a figura 1 que é o homem com a ideologia de provedor, tipo tradicional denotando uma masculinidade hegemônica (WANG *et al.*, 2006) e na figura 2 é o homem despreocupado com as convenções sociais e desenvolvendo atitude valorizada e legitimada pela nova mulher e mídia (NOLASCO, 1993), porém este comportamento mostra uma masculinidade mais fluida que adapta-se facilmente ao contexto vivido (ROCHA-COUTINHO, 2007; JABLONSKI, 2010; TEYKAL; SANTOS; DINIZ, 2011).

Enfim, “a indicialidade da linguagem e do discurso quebra a ilusão de dar uma descrição única e estável do mundo e sublinha sua necessária dependência contextual. No lugar de ser atribuível a uma falta de eficácia do sistema linguístico e cognitivo, esta dimensão manifesta sua capacidade de tratar a variabilidade das situações através de uma categorização adaptativa” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 40).

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O objetivo deste estudo foi apresentar uma reflexão contributiva aos estudos

dos processos de referenciação a partir das charges analisadas. O sentido da totalidade para Volóchinov (2017) do enunciado será chamado de seu tema. Ele expressa a situação histórica que gerou o enunciado. Para Ducrot (1984), sentido é a forma de representação do objeto. Assim, a análise apresentada mostra que diferentes pontos de vista de uma mesma situação podem se desdobrar em diferentes formas de entendimento para os sujeitos envolvidos.

Afinal ser masculino na visão dos homens na atualidade através da charge primeira se refere a uma série de responsabilidades, o garoto já identifica o significado do “ser homem” no discurso do pai, com a identificação das atribuições diárias da mãe. A segunda destaca um novo entendimento do que é ser masculino através das práticas sociais, com novas atuações do homem no espaço doméstico e nos cuidados com os filhos.

Isto demonstra que uma charge pode apresentar diversos papéis, não somente no aspecto humorístico, mas evidenciar um fenômeno social atual, que pode ser percebido na primeira leitura do contexto sócio histórico.

O uso de charge na administração e estudos organizacionais abre um novo campo para análise, devido sua relação multidisciplinar, como também a análise do discurso, utilizando a referenciação-interação sócio discursiva objetivando compreender as mudanças dos sujeitos e seu comportamento nas organizações.

## REFERÊNCIAS

ADDIS, Michael E; MANSFIELD, Abigail K.; SYZDEK, Matthew R. Is "Masculinity" a Problem? Framing the Effects of Gendered Social Learning in Men. **Psychology of Men & Masculinity**, v.11, n.2, p. 77-90, 2010.

ARAÚJO, Maria de Fátima. Diferença e Igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate. **Revista Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v.17, n. 2, p. 41 - 52, 2005.

BADINTER, Elisabeth. **XY: sobre a identidade masculina**. 2 ed. Maria Ignez Duque Estrada (Trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BAKHTIN, Mikhail. Os Gêneros do Discurso In. **Estética da Criação Verbal**. 2ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes, p. 279-336, 2000.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHÍNOV, Valentin. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BATNITZKY, Adina; MCDOWELL, Linda; DYER, Sarah. Flexible and Strategic

Masculinities: The Working Lives and Gendered Identities of Male Migrants in London. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v. 35, n. 8, p.1275-1293, Aug. 2009.

BENVENISTE, Émile. Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística. In: **Problemas de Linguística Geral I**. (Tradução Maria Glória Novak e Maria Luiza Neri) Campinas, S.P.: Pontes, p.19-33,1991.

BERALDO, Guilherme de S.; TRINDADE, Ellika. Novos Pais, Novos Homens? Paternidade e Identidade masculina no Contexto Pós-Moderno. **Revista Pretextos**, v.1, n. 2, p. 56-75, 2016.

BIRCH, Philip; BALDRY, Eileen; HARTLEY, Victoria H. Procuring Sexual Services: Evidencing Masculinity Diversity and Difference Through Sex Work Research. **Sexuality & Culture**, n.21, p.1106-1119, Dec. 2017.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos**. In. Atividade de linguagem, textos e discursos – por um interacionismo sócio-discursivo. Tradução Anna Rachel Machado, Péricles Cunha, São Paulo: EDUC, p. 31-49,1999.

CALÁS, Marta B.; SMIRCICH, Linda. Do Ponto de Vista da Mulher: Abordagens Feministas em Estudos Organizacionais. In: CLEGG, Stewart R.; HARDY, Cynthia; NORD, Walter R.; CALDAS, Miguel; FACHIN, Roberto; FISCHER, Tânia. **Handbook de Estudos Organizacionais: Modelos de análise e novas questões em estudos organizacionais**, v.1, São Paulo: Atlas,1999, p. 275-329.

CARDOSO, Irene. A geração dos anos 1960: o peso de uma herança. **Tempo Social**, v.17, n.2, p. 93-107, nov. 2005.

CONNEL, Robert W. Políticas da masculinidade. **Educação e Realidade**, v. 20, n. 2, p.185-206,1995.

CONNEL, Robert W. "Masculinities, Change and Conflict in Global Society: Thinking about the Future of Men's Studies." **Journal of Men's Studies**, v. 11, n. 3, p. 249-266, 2003.

CONNELL, Robert W. **Masculinities** (2a ed.) University of California Press, p. 324, 2005.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidades hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013.

CONNELL, Robert; PEARSE, Rebecca. **Gênero uma Perspectiva Global: compreendendo o gênero – da esfera pessoal a política - no mundo contemporâneo**. (3a ed.) Marília Moshkovich (Trad.) São Paulo: NVERSOS, 2015.

DUCROT, Oswald. Referente. In. **Enciclopédia Einaudi: linguagem e enunciação**. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, v. 2, p. 418-438, 1984.

ECCEL, Cláudia Sirangelo; GRISCI, Carmem Lúcia Lochins. Trabalho e gênero: a

produção de masculinidades na perspectiva de homens e mulheres. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v.9, n.1, p. 57-78, jan. /mar., 2011.

FIALHO, Fabrício Mendes. **Uma crítica ao conceito de masculinidade hegemônica**. Lisboa, Portugal: Instituto de Ciências Sociais - Universidade de Lisboa, 2006.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. (6. eds.). São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, Carlos Alberto; MEIRELLES, Anthero de Moraes. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração**. São Paulo: Editora Atlas, 2004.

GRAEF, Stephen T.; TOKAR, David M.; KAUT, Kevin P. Relations of masculinity ideology, conformity to masculine role norms, and masculine gender role conflict to men's attitudes toward and willingness to seek career counseling. **Psychology of Men & Masculinity**, v. 11, n. 4, p. 319-333, 2010.

GROSSI, Miriam Pilar. Enfoque de Gênero na História Social. **Revista Estudos Feministas** (UFSC. Impresso), Rio de Janeiro, v. 1, n.1, p. 215-216, 1993.

GROSSI, Miriam Pilar. Masculinidades: Uma revisão teórica. **Revista Antropologia em Primeira Mão da Universidade Federal de Santa Catarina**, v. 7, p. 21-42, 2004.

JABLONSKI, Bernardo. A Divisão de Tarefas Domésticas entre os Homens e Mulheres do Cotidiano do Casamento. **Revista Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 30, n. 2, p. 262-275, 2010.

JERUSALINSKY, Julieta. **Quem é o outro do sujeito na primeira infância?** Considerações sobre o lugar da família na clínica com bebês, 2005, p. 1-14. Disponível em: [dhttp://www.estadosgerais.org/encontro/tv/pt/trabalhos.php](http://www.estadosgerais.org/encontro/tv/pt/trabalhos.php). Acesso em: 20 out 2018.

JEWKES, Rachel; MORRELL, Robert; HEAM, Jeff; LUNDQVIST, Emma; BLACKBEARD, David et al. Hegemonic masculinity: combining theory and practice in gender interventions. **Culture, Health & Sexuality**, v. 17, n. (supl.2), p. 112-127, 2015.

LOPES; Maria Ângela Paulino Teixeira. Referenciação e gênero textual – atividades sócio-discursivas em interação. In: MACHADO, Ida Lúcia; MELLO, Renato de (Org.). **Gêneros: reflexão em análise do discurso**. Belo Horizonte: NAD/POSL in, FALE/UFMG, p.205-219, 2004.

LOPES; Maria Ângela Paulino Teixeira. Eventos de leitura no espaço acadêmico – representações sociais no processo de referenciação do gênero charge. In. BARROS, Eliana Merlin Deganutti; STORTO, Leticia Jovelina (Org.) **Gêneros do jornal e ensino: práticas de letramentos na contemporaneidade**. São Paulo: Pontes, p. 241-264, 2017.

MACÊDO; José Emerson Tavares de; SOUZA; Maria Lindaci Gomes de. A charge no ensino de história, p.1-9, 2011. Disponível em: [http://www.anpuhpb.org/anais\\_xiii\\_eeph/textos/ST%2004%20-%20Jos%C3%A9%20Emerson%20Tavares%20de%20Macedo%20TC.PDF](http://www.anpuhpb.org/anais_xiii_eeph/textos/ST%2004%20-%20Jos%C3%A9%20Emerson%20Tavares%20de%20Macedo%20TC.PDF). Acesso em: 20 out. 2018.

MARCUSCHI; Luiz A. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In. KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; BENTES, Anna Christina. (Orgs.). **Referenciação e discurso**, SP: Contexto, p. 53-101, 2005.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.16, n. 3, p. 809-840, 2008.

MONDADA, Lorenza e DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In. CAVALCANTE, Monica M. RODRIGUES, Bernadete B. e CIULLA, Alena. (Orgs.) **Referenciação**. SP: Contexto, 2003, p.17-52.

MONTEIRO, Marko. **Tenham Piedade dos Homens!** Masculinidades em Mudança. Juiz de Fora: FEME, 2000.

MONTEIRO, MARKO. Masculinidades em revista: 1960-1990. In. Mary Del Priore, Marcia Amantino (orgs). **História dos Homens no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, p. 333-358, 2013.

MOREIRA, Maria Beatriz Cyrino; SANTOS, Rafael dos. O caso do Som Imaginário: contracultura, experimentação e indústria fonográfica entre as décadas de 1960 e 1970. **Per musí**, Belo Horizonte, n. 30, p. 87-97, dez. 2014.

NASCIMENTO, M.; SEGUNDO, M.; BARKER, G. Homens, masculinidades e políticas públicas: aportes para equidade de gênero. Rio de Janeiro: **Promundo**, UNFPA, 2009.

NOLASCO, Sócrates. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco,1993.

OLIVEIRA, Éwerton Silva de. Rasga Coração, de Vianinha, e Hair: Aproximação e distanciamento num contexto de contracultura. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 46, p. 301-325, jul./ dez., 2015.

QUAYLE, Michael; LINDEGGER, Graham; BRITAIN, Kirsty; NABEE, Neesa; Cole, Charlene. Women's Ideals for Masculinity Across Social Contexts: Patriarchal Agentive Masculinity is Valued in Work, Family, and Romance but Communal Masculinity in Friendship. **Sex roles**, v. 78, n.1-2, p.52-66, January, 2018.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. Novas Opções, antigos dilemas: mulher, família, carreira e relacionamento no Brasil. **Temas em Psicologia da SBP**, v. 12, n. 1, p. 2-17, 2004.

SANTOS, Luciana da Silva; DINIZ, Gláucia Ribeiro Starling. Donas de casa: classes diferentes, experiências desiguais. **Psicologia Clínica**, v. 23, n. 2, p. 137-149, jan.

2011.

SARTI, Cynthia A. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.12, n. 2, p. 35-50, mai./ago. 2004.

SCOTT, Joan W. Preface a gender and politics of history. **Cadernos Pagu**, v. 3, p. 11-27, 1994.

SILVA, Telma Cristina Gomes da. O Interdiscurso no gênero charge: um estudo do discurso humorístico sob a perspectiva da Análise do Discurso francesa. **Revista Eletrônica de Linguística**, v. 6, n. 1, 1º semestre, p. 302-321, 2012.

SILVA, Bruna C. de S. L.; SANTOS, Thays C. da. C. O que é feminismo e quais são suas vertentes? In. Ramos, Marcelo Maciel., Brener, Paula Rocha Gouveia., Nicoli, Pedro Augusto Gravatá (orgs). **Gênero, Sexualidade e Direito uma introdução** (pp. 40 – 49). Belo Horizonte: Editora Initia Via, 2016.

SOUZA, Eloisio Moulim de; MORAES, Marcos Winicius Pezete Santos; DUARTE, Pedro Paulo Pinheiro; HIGASHI, Roberto. A produção científica sobre masculinidade na administração: análise dos trabalhos publicados no decênio 2001-2010. **Gestão e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 6, n. 14, p. 199-218, 2012.

SOUZA, Eloisio Moulim; BIANCO, Mônica de Fátima; JUNQUILHO, Gelson Silva. Contestações sobre o Masculino no contexto do trabalho: estudo pós-modernista em mineradoras e siderurgias. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 19, n. 2, p. 269-287, 2014.

TEYKAL, Carolina Macedo; ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. O homem atual e a inserção da mulher no mercado de trabalho. **Revista Psico**, v. 38, n. 3, p. 262-268, set./dez. 2007.

VIEIRA, Josênia Antunes. A identidade da mulher na modernidade. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v.21, n.(spe), p. 207-238, 2005.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais dos métodos sociológicos na ciência da linguagem**. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo – Editora 34, 2017.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2º semestre 2001.

WANG, May-Lin; JABLONSKI, Bernardo; MAGALHÃES, Andréa Seixas. Identidades Masculinas: Limites e Possibilidades. **Psicologia em Revista**, v. 12, n. 9, p. 54-65, jun. 2006.

YIN, Robert K. **The Case Study Crisis: some answers**. Administrative Science Quartely. Cornell University, 26, 1981.